



HESPAÑHA—MURCIA.

Murcia, cidade capital da provincia do mesmo nome em Hespanha, é uma das mais importantes povoações da monarchia visinha. Está assentada em uma deliciosa campina, cortada pelo rio Segura, que uma magnifica ponte atravessa, communicando as duas margens. É a posição d'esta cidade o mais aprazível que póde imaginar-se; e o seu termo ricó de todos os fructos dos climas meridionaes.

As ruas de Murcia são muito largas, limpas, bem calçadas, e convenientemente illuminadas de noute, distinguindo-se entre todas a que chamam de *Traperia*. Contém formosos edificios, e no da cathedral varios monumentos apreciaveis de architectura antiga. Ao lado direito do altar-mór estão, em uma urna de pedra, o coração e as entranhas de D. Affonso o sabio. Os órgãos e as cadeiras do córo são obras do presente seculo, e mui dignas de ver-se. O paço episcopal é o melhor talvez de toda a Hespanha.

Tem Murcia numerosas escolas de instrucção primaria e secundaria, aulas de mathematica, desenho e architectura, e uma soberba casa para venda de cereaes. Os campos adjacentes a Murcia, a que ali chamam *Huerta*, são os mais formosos e mais ferteis de toda a peninsula; estes campos medem cinco leguas em comprimento e tres em largura, calculando-se os seus productos agricolas em outro mil contos de réis da nossa moeda, aproximadamente. A *Huerta* de Murcia é regada pelas aguas tomadas da cha-

mada Contraparada, obra admiravel pela sua solidez e altura, que excede de 90 pés; ignora-se a sua antiguidade, e só se sabe que existia já no tempo dos arabes. O trafego commercial de Murcia é importantissimo, mórmemente em cereaes. Recentemente aclimaram-se ali a seda da China e a cochonilha, com grande vantagem publica e particular.

Fica Murcia entre 3º 10' de longitude, e 37º 48' de latitude, a 11 leguas ao norte de Carthagená, e 75 ao sueste de Madrid. A sua população excede hoje a 35:000 almas.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

IV.

Em 1820 a revolução iniciou a Portugal no culto ardente e apaixonado da liberdade. A revolução que dera desde París a volta pela Europa, a revolução que desde os seus primeiros lampejos em França illuminára em toda a parte os espiritos esclarecidos e os corações insoffridos e patrioticos, entrou solememente na nossa terra, e inaugurou entre acclamações entusiasticas e em meio de triumphos incruentos o seu primeiro e curto noviciado. A monarchia velha, condemnada pelas theorias da republica franceza, e desprestigiada em Portugal pela desidia e pela covardia dos seus primeiros representantes, cedeu diante

da revolução, que reclamava a soberania, não pelo clamor das classes populares, senão pela voz imperiosa do exercito e de muitos dos seus caudilhos, que se haviam associado á conjuração de alguns homens decididos das jerarchias superiores da sociedade.

A revolução mandára prégear em toda a Europa a liberdade e a renovação social ao som do canhão dos exercitos republicanos. A Portugal só haviam chegado os echos moribundos da revolução, quando um soldado feliz a havia desde alguns annos algemado. A França por muitos annos inoculára nas velhas nações da Europa o espirito das suas instituições e o contagio das suas idéas pela invasão dos seus conscriptos. Adoçára sempre a conquista dos territorios pela alforria politica dos cidadãos. A conquista significára para a republica o baptismo revolucionario dos paizes invadidos; os seus generaes e os seus exercitos levavam a guerra aos monarchas, e a reabilitação social aos povos opprimidos pelo despotismo.

Quando a França nos enviava as suas legiões, era o sópro da revolução que ainda as impellia para as nossas fronteiras; mas as aguias que marchavam na sua frente significavam que a França renunciára ao apostolado da liberdade para se entregar ao delirio da conquista. A invasão franceza não queria dizer já, como nos tempos da republica, que a França nos convidava pela intimação das armas a commungarmos no culto democratico; significava apenas que o vencedor da Europa colligada apagava dos nossos pendões as quinas venerandas, para estampar-lhe no campo profanado o brazão das suas victorias; e annullava com a irrupção dos seus exercitos os nossos feitos de sete seculos para reduzir a antiga metropole das conquistas orientaes á condição opprobriosa de um departamento do seu imperio. Trocava a degradação pela degradação, a tyrannia pela tyrannia. Espedacava um throno, onde o despotismo tinha ainda ao menos o esplendor das glorias herdadas, e o prestigio da tradição dynastica, para lhe substituir um despotismo improvisado e forasteiro. A nação ergueu-se e protestou contra a arrogancia do estrangeiro. Desamparado pelo monarcha, apesar do seu desvalimento e orfandade, o povo ousou reptar o vencedor de cem batalhas, e David de um novo e mais temeroso Goliath, saiu a campo a combatel-o. O povo que não pudera associar-se á revolução e á republica indignou-se de venerar a reacção e o imperio. Os destinos haviam-lhe impedido de assistir livre á apothese momentanea da liberdade europea, não lhe consentiu o patriotismo e o pundonor que assistisse escravo no territorio sagrado da patria á insultuosa apothese do absolutismo estrangeiro.

O rei fugira deixando subditos em Portugal; a guerra nacional despertou-os um dia soldados. Não havia exercito organizado, e o povo, insurgindo-se, improvisou-o nos recontros e nas batalhas. Não havia finanças, suppriu-as a dedicação; não havia caudilhos determinados, e as phalanges portuguezas batalharam ao grito de patria, que é nos trances angustiosos das nações, e nas quadras nefastas de desamparo nacional como que o general invisivel, mas prestigioso, que dirige o povo nos dias terriveis do seu entusiasmo e do seu furor aos grandes commettimentos patrioticos, e ás difficultosas emprezas nacionaes.

Um povo que se não invileceu até á indifferença, e que se não degradou até ao materialismo, ha mister de um elemento moral que lhe dê vida, e que lhe mantenha a inspiração. A inspiração de um povo cha-

ma-se na paz a liberdade; a vida de uma nação chama-se na guerra a gloria. Um povo, a quem roubam a liberdade no forum publico, e que não protesta pela insurreição contra a violação da sua dignidade politica, é um povo que está prestes a sumir-se na lista das nações. Um povo, que no campo da batalha não freme de entusiasmo, e se não enleva no espiritualismo das glorias nacionaes, é um povo que se offerece em almoeda á cubiça dos estrangeiros.

A nação portugueza armou-se contra Napoleão. Durante seis annos foi a gloria o seu entusiasmo, e a liberdade esqueceu, offuscada pelos clarões esplendidos da gloria. Os cidadãos cubicaram os louros marciaes, e não tiveram tempo de invejar as corôas civicas de carvalho. Preocupados generosamente da patria commum os portuguezes deslembaram a sua reabilitação de cidadãos. Veiu a paz depois das batalhas e das victorias; as reliquias dos exercitos voltaram a pizar o solo nacional, desaffrontado da violação dos estrangeiros. Os cidadãos haviam defendido a patria; ella estava livre da dominação estranha; mas elles estavam como d'antes assoberbados ao antigo despotismo. O soldado, pendurando os seus tropheus na cabana da aldeia, despidas as armas vencedoras para volver aos misteres e aos trabalhos da paz, abdicando a dignidade militar, entrava de novo na servidão commum, e depois de ter collaborado n'uma pagina gloriosa da historia nacional, achava no reverso a ignominia de outros não menos insolentes estrangeiros, governando a Portugal, e encontrava em recompensa das suas fadigas a oppressão da velha monarchia, o privilegio insolente das classes privilegiadas, o desprezo dos seus direitos, o assassinato juridico de Gomes Freire e dos seus associados, abrindo a carreira á sangüinolenta justiça politica, que infamou por tantos annos a decrepidez e a agonia do absolutismo.

A gloria brilhou ainda no seio da patria, e illuminou os festejos publicos que celebravam a victoria das armas nacionaes e a vindicação de Portugal contra a arrogancia de Napoleão. Os louros esfolharam-se, os disticos sumiram-se nos arcos triumphaes. Os hymnos perderam-se com os seus ultimos echos. As lyras dos vates patrioticos voltaram ao silencio depois do cansaço de tantas glorias. A velha monarchia fôra evocada á vida por uma resurreição ephemera. Despregou-se-lhe a purpura com que lhe haviam occultado as chagas para a saudarem nos dias do triumpho. Caíu-lhe o laurel que lhe assentára na fronte a gloria nacional. O Lazaro appareceu então na sua hediondez. Os homens mais patriotas e mais illustrados envergonharam-se de que Portugal assistisse durante trinta annos á queda e á renovação das instituições e dos costumes, sem aproveitar as conquistas da civilização politica, e sem tirar nenhum proveitoso ensinamento d'estas grandes theses humanitarias, debatidas pela eloquencia e pelas bayonetas nas assembléas politicas e nos campos de batalha. Portugal era então quasi o unico paiz da Europa culta, onde a liberdade não tivesse estanceado ao menos um momento. Era como um trecho da idade media encravado por um contrasenso historico em pleno seculo decimo nono.

A revolução tornou-se necessariamente sympathica aos homens que na flor da juventude, na cultura das letras, no fervor das innovações, e na sua justa e patriotica indignação contra o despotismo d'aquelles tempos, achavam sobejos motivos para saudar a liberdade, como um numen que elles haviam acatado sempre de longe, a que, entre os receios da per-

seguição, haviam sempre confessado, e a que iam agora render homenagens publicas e solennes sem o temor das proscricções politicas, e sem o terror das censuras e das punições inquisitoriaes. Pullulavam na universidade e nas escolas, como sempre, os proselytos e os evangelisadores da reforma politica. Corações juvenis, abriam-se nas suas ágapes secretas a todos os affectos do patriotismo, e a todos os sentimentos de pundonor civico e de dignidade nacional. Espiritos illuminados, haviam antegostado nas suas leituras íntimas e nas suas mutuas confidencias, os deleites da liberdade. Consciencias immaculadas, como são as da adolescencia, escandalisava-os a degradação da patria, o abandono da cõrte, a insolencia dos estrangeiros, o cumulo dos abusos inveterados. Doía-lhes n'alma que Portugal fosse de dia para dia contrahindo moralmente as suas fronteiras e figurando no mappa da Europa como uma colonia do Brazil, assoberbada opprobriosamente por um proconsul da Grã-Bretanha. Affrontava-os a idéa de que só em Portugal a arvore centenaria do despotismo erguesse ainda o tronco carcomido, sem que, a exemplo de todos os povos do continente, o sópro da revolução lhe viesse açoutar e destroncar a ramada, e quebrar a haste que em vão aprofundava as raizes no solo outr'ora glorioso da monarchia cavalleirosa e conquistadora.

O sr. Garrett, na primavera dos annos, n'esta quadra risonha em que o coração pulsa quasi sempre generoso e romanesco, invocando o amor e saudando a liberdade, poz o seu talento e o seu esforço ao serviço das novas idéas politicas, e offereceu á patria libertada como que as primicias do seu engenho lyrico, e foi então o Pindaro da revolução, como mais tarde na Terceira havia de ser o inspirado Tyrteu das phalanges libertaes.

A universidade festejou o advento da liberdade. Como é sempre d'uso n'estes momentos de enthusiasmo, em que se julga a revolução consolidada, e impossivel para sempre o desforço da reacção, os prosadores e os poetas vieram celebrar em justas academicas o que então se chamava e se cria ser a regeneração de Portugal. Na sala dos capellos da universidade recitou o sr. Garrett uma ode, ou antes discurso em verso, em que o estylo proprio do poeta e os dotes caracteristicos do seu talento puderam já transluzir mais livremente do que nas suas precedentes composições, porque cantava um assumpto novo para Portugal, e porque para mover os animos dos seus concidadãos o poeta só tinha de inspirar-se na sua íntima convicção e nos sentimentos puramente nacionaes. Cantando a liberdade moderna, a sua musa podia correr mais solta de imitação e menos timida na innovação e na originalidade. Cantando o patriotismo, o poeta havia de ser necessariamente mais portuguez do que nos seus primeiros ensaios metricos, moldados segundo os rigorosos estatutos até então vigentes no Parnaso.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

IGNOTO DEO.

TRADIÇÃO PORTUGUEZA.

III.

OS VOTOS DE CASTIDADE.

Começava o mez de setembro de 1451. Toledo, a formosa capital, e residencia então da cõrte de Cas-

tella, jazia submersa na tristeza, e os seus moradores accusavam a rainha Isabel de uma atroz injustiça para com a mais linda e a mais modesta das suas donas de honor. Todos os nobres estavam promptos a sair a campo em defeza da virtude d'aquella offendida donzella, mas não achavam competidores, porque a calumnia tinha partido de outras damas, invejosas das mil perfeições de D. Beatriz da Silva, e com essas não havia que quebrar lanças.

Tres dias eram passados depois que a gentil portugueza fôra fechada em estreito e escuro desvão, sem lhe darem nenhum alimento, nem uma sede de agua, quando entrou na cidade um cavalleiro portuguez, que vinha de longe vingar a affronta feita ao nobre sangue de Menezes e Silva. Era D. João. Apenas chegado a Toledo, dirigiu-se ao palacio real, a impetrar uma audiencia da orgulhosa rainha de Castella, e resollido a luctar até ao ultimo sópro de vida pela liberdade de sua querida irmã.

D. Isabel conhecia o mancebo da cõrte de Portugal; estimára sempre a Beatriz, e cedera á intriga das invejosas donas, primeiro com reprehensões severas, depois com mais asperos castigos, porque ellas lhe figuravam a donzella como motora de todas as rixas e duellos que haviam innundado de sangue as ruas de Toledo. Vendo, porém, o abatido rosto de D. João, e lembrada da amizade que sempre lhe consagrara a sua fiel dama, resolveu logo dar a liberdade a Beatriz, ordenando comtudo que no mesmo dia saísse de Castella.

Com que impaciencia esperou D. João de Menezes a execução d'aquella ordem; porém quando contava estreitar nos braços a irmã adorada, recebeu d'ella um bilhete concebido n'estes termos:

«João. Acabo de saber que chegaste a Toledo, e alcançaste salvar-me da morte cruel que me estava preparada, e cuja aproximação já sentia; mas não te verei, mais, querido irmão, porque n'este isolamento fiz voto de perpetua castidade, e dedicar-me-hei sómente a Deus, no mosteiro de S. Domingos o Real, cujas portas a rainha permite que se me abram. Volta a Lisboa, e cuida em que esse *ignoto deo* a quem adoras, não murche a tua felicidade na terra, e te faça perder a salvação eterna. Beatriz.»

—Não me quer ver! bradou D. João, acabando de ler a missiva: ao cabo de quatro annos de ausencia fugir de seu irmão, para se encerrar perpetuamente em um mosteiro!... Meu Deus! meu Deus! Se eu adivinharia! Se a desgraça é ainda maior do que a suppõe o mundo! — E as lagrimas corriam em fio pelos sulcos que a paixão cavára no rosto do mancebo.

—Vou escrever-lhe, disse enfim, depois de larga pausa; confessar-lhe-hei o mysterio dos meus amores, e exigirei que me conte o seu, porque ella tambem occulta um segredo... estou certissimo!

E João de Menezes traçou á pressa estas linhas:

«Beatriz do meu coração. Vou revelar-te o mysterio d'esta ara consagrada a um deus occulto. Ha dous annos que perdi a alegria, e que me sinto morrer, porque ousei levantar os olhos para muito alto, e cravar a vista na radiante imagem do sol. Querida irmã, eu adoro em segredo a formosa Leonor, a filha dos nossos reis, a futura esposa do cesar; eu, simples cavalleiro, atrevi-me a amar uma princeza, e nada é capaz de me arrancar do coração este louco amor! Ella creio que já o percebeu, mas finge ignorar-o... Póde-o fazer, que é mulher, e não ama! Mas eu, imaginas acaso as torturas que passo cada dia, cada momento que estou ao pé d'ella? E com-

tudo como me julgaria feliz se pudesse estar sempre ao seu lado!... Sabes o meu segredo, Beatriz; vês que esta vida de tormentos não póde ser longa, e que a morte tem de rematar em breve o martyrio; porém tu, que és um complexo de virtudes e de belleza, porque vaes sepultar-te entre as paredes de triste convento, quando podias dar a felicidade a um dos muitos que te adoram, escolhendo esposo digno do teu amor?... Ah! Beatriz, occultas um segredo que te mata lentamente, e eu quero partilhar as tuas dores, e se for possível dar-lhe ainda remedio. Exijo que me confesses esse segredo; bem sabes que fica depositado em um coração leal. — João. »

Em quanto o desgraçado fidalgo espera anhelante pela resposta ao bilhete que se acaba de lèr, vamos nós ao convento de S. Domingos, na mesma cidade de Toledo, observar o effeito que produz aquella leitura sobre a nova reclusa, que, no habito secular, passará trinta annos n'este mosteiro «fazendo vida santissima, diz Nunes de Leão, e de muita abstinencia e grande exemplo,» preparando-se para estreitar ainda mais os laços religiosos com o divino esposo.

Depois de tantos soffrimentos, e de ter opposto a resignação á fome, á sede, aos maus tratos, e ás vozes da calumnia que maculavam a sua reputação, Beatriz encerrada em pequena cella, com os olhos cheios de lagrimas, mas ainda formosos, lia a affectuosa carta de seu irmão. Chegando ás ultimas palavras, o rosto da donzella tornava-se ora pallido ora vermelho, porque o sangue corria-lhe desordenado entre a cabeça e o coração; o peito parecia que lhe estalava. Aquella alma que aspirava a um mundo melhor, não tinha podido quebrar de todo os laços terrestres. Contava triumphar, com a ajuda da Virgem, que lhe apparecêra no carcere, mas bem via que ainda não era chegada a hora de attingir a perfeição; faltavam a arrancar profundas raizes, d'estas que o maior vendaval não desarreiga, e que só o tempo tem poder de consumir.

—Mal sabes o que pedes, infeliz! exclamou ella por fim, unindo as mãos, como em fervorosa prece. Não basta para consumir-te a seiva da vida essa louca paixão por uma mulher que não póde pertencer-te, queres ainda devassar os segredos d'este coração, que é um abysmo, que faria de tua irmã, da filha de nosso honrado pae, a maior das peccadoras, a mais vil das mulheres, o espanto do mundo, se uma voz de cima a não-segurasse á beira do precipicio, e se as provações que Deus lhe enviou, pela sua infavel bondade, não mostrassem claramente á alma transviada que ainda era tempo para o arrependimento!... Não te verei mais, não, unico ser a quem tenho adorado, unico esposo que o meu coração escolheria, se Deus o permittisse, e a cuja imagem só posso antepor a imagem do proprio Deus, pois que só elle me póde fazer esquecer de ti!... Exiges uma resposta? Tel-a-has, mas breve e derradeira. Coragem, meu Senhor!

E Beatriz sentou-se junto a uma tosca meza, e escreveu:

— Meu João...

— Meu?... não! proferiu dolorosamente a virgem, e rasgou o papel aonde havia lançado aquellas duas palavras. Depois começou outra carta n'estes termos:

« João. A nossa separação quer Deus que seja eterna... ai, nem mesmo na presença do justo juiz devemos encontrar-nos! Um mosteiro será o meu tumulo em vida, um habito de freira a minha morta-

lha! Se tu pudesses, como eu, fugir do mundo, e abraçar-te com a cruz do redemptor, que do alto do Golgotha proclamou o nada das vaidades humanas?... Mas não, sê feliz no seculo; porém abate a ara do ignoto deo, porque Deus só ha um, não desconhecido, porque d'elle dão testemunho o céu, o mar, a terra, toda a criação, e só a esse se devem erguer altares. Adeus, irmão, adeus para sempre... para sempre. — Beatriz. »

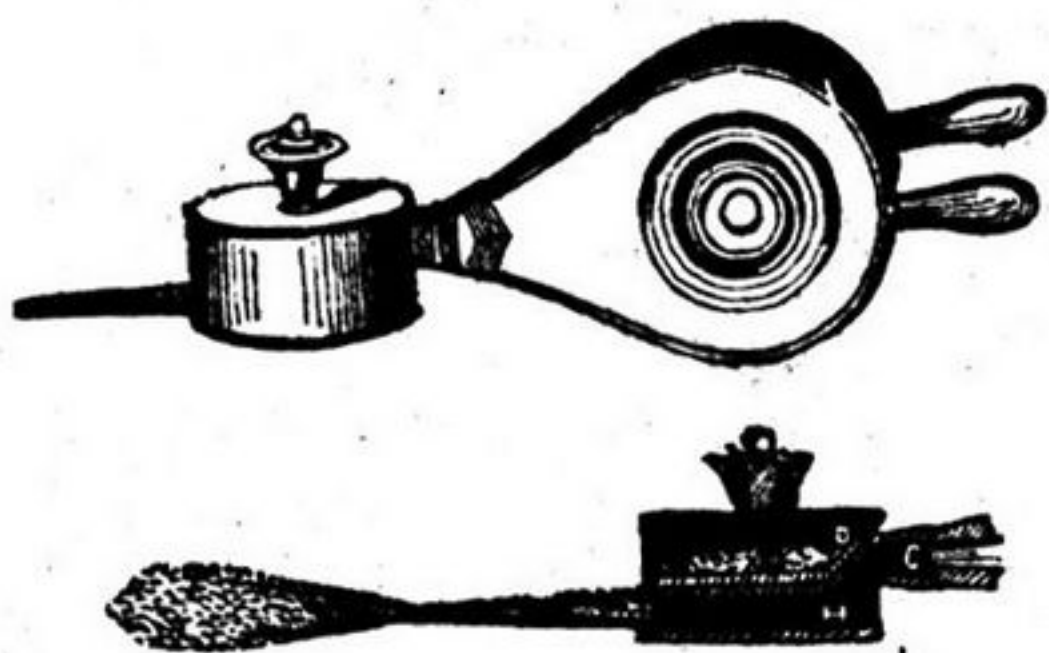
Calculae a afflicção do bom Menezes ao receber este bilhete. Não era uma confissão franca, mas era uma revelação bem clara da causa que motivára os desgostos de Beatriz. Aquelle horrivel pensamento que ha quatro annos lhe vagueava na mente, confuso, indefinido, tomava agora as proporções da realidade, e fixava-se de uma maneira indelevel na cabeça do mancebo, para acabar de lhe torturar o coração, já tão ulcerado pelo amor sem esperança! Que faria o desgraçado? Contaria ao conde de Portalegre o segredo de sua irmã? Não, que era augmentar o numero dos infelizes, sem diminuir as amarguras de ninguém.

João de Menezes leu e releu a carta de Beatriz; aquellas palavras cheias de unção evangelica estiveram quasi a fazel-o largar o mundo, e ir esconder-se no convento de Nossa Senhora de Guadalupe, de frades jeronymos, aonde já tinha passado alguns dias, porém dias risonhos, sem idéa de clausurar-se. E Leonor?... deixar de a ver ainda uma vez! O infeliz não podia tanto. Fez voto de castidade, já que não lhe era dado esposar a unica mulher que amára, mas não teve força para arrancar da gorra o altar do Deus ignoto.

Partiu de Toledo no mesmo dia; e ao apparecer de novo na corte de Portugal, todos perguntavam se o filho de Ayres da Silva, voltava de alguma peregrinação á Terra Santa, ou se, pelo contrario, fizera pacto com Satanaz, e o acompanhára nas entranhas da terra em busca de metaes preciosos.

(Continúa).

F. M. BORDALO.



MOLESTIA DAS VINHAS.

Tem-se proposto muitos meios para prevenir ou curar a enfermidade que, sob o nome de *oidium tuckeri*, tem atacado os nossos ricos districtos vinhateiros; mas de nenhum ha a experiencia demonstrado resultados mais vantajosos que os obtidos pela enxofragem.

A sociedade imperial horticola de França, n'um relatorio elaborado por M. Bossin, de accôrdo com a commissão nomeada pelo ministro de agricultura e do commercio, reconheceu que a enxofragem a secco era o unico methodo curativo ou preventivo que offerecia probabilidades de bom resultado.

Os proprietarios de vinhas de Thomery usaram da enxofragem, e os seus predios não soffreram prejuizo algum; pelo contrario produziram optimos e copiosos fructos.

Os vinhateiros de Thomery repetem a operação da enxofragem tres vezes. A primeira, antes da afloração; a segunda, quando os bagos da uva estão da grossura de chumbo de caça (escomilha); a terceira, quando os mesmos bagos começam a pintar, antes de amadurecido o fructo.

A flôr de enxofre deve chegar a todas as parras e cachos de cada cepa. A melhor occasião para operar parece ser o meio do dia, quando o calor é mais intenso; mas em Thomery usam de ordinario enxofrar as vinhas de manhã e á noute; talvez porque a estas horas o pó levanta menos, e não incommoda tanto os trabalhadores.

A gravura representa o apparelho com que devem enxofrar-se as cepas atacadas; é uma especie de folle, de construcção mui simples: a clareza da estampa dispensa-nos de mais miuda descripção. Em Lisboa, no estabelecimento do distincto artista João Ferreira da Silva Junior, ao Corpo Santo, constroem-se d'estes apparelhos com toda a perfeição, e cremos que por preços modicos.

Ignorámos se em Portugal se tem praticado a enxofragem, e o seu resultado; em todo o caso cumpre não só ensaiar esta como quaesquer outras indicações, que, pelo menos, possam attenuar os funestos effeitos da desastrosa molestia que ataca as nossas vinhas, ameaçando a fortuna publica e particular.

A IDEOGRAPHIA.

É a fraternidade o symbolo em que se acham cifradas as mais nobres aspirações da philantropia.

As antipathicas barreiras que entre os homens têm levantado as differenças das raças, a variedade das religiões, o heterogeneo dos costumes, a desproporção das fortunas, a desigualdade dos climas, a distincção dos interesses, o longinquo dos mares, o opposto das temperaturas, a antithese geographica de povos para povos, de tribus para tribus; a toda essa hereditaria repugnancia, já resultado dos naturaes elementos, já filha de preconceitos tradicionaes, ou originada por mil causas diversas, mas nem por isso menos perniciosas, se têm opposto corajosamente os esforços da nova philosophia, annunciada pelo evangelho.

A fraternidade é proclamada pela sciencia, moldada pela industria; inspira as bellas-artes, expande-se com a navegação, corre com o vapor, vóa com a electricidade, desentranha do seio da terra mil recursos providenciaes, manifesta-se pela opinião, diffunde-se pela palavra, sonham-na os humanitarios, revelam-na os progressos da humanidade, e vae triumphar nos braços da propria religião que a tomou por divisa, que lhe insufflou o primeiro halito vivificador, e que a enviou á conquista do amor universal, cujas tendencias generosas são para unir entre si, e estreitar com indissoluveis laços os membros dispersos da familia humana.

Eis a fraternidade a que o christianismo chamou amor do proximo. Eis o pensamento com que a escola, que tomou por base o christianismo, coroou os dous bellos principios: liberdade e igualdade. Eis a ultima expressão d'essa tríade harmonica, em que se resumem os suffragios progressivos da geração actual.

Esse desiderandum sublime de conciliação e de amor para todos, escripto em cada consciencia pela mão de Deus, depositado em todos os corações para, um dia, germinar com o mesmo calor, aspirar a mesma luz, e completar o plano magnifico da bondade suprema, esse pensamento secundo ora latente, ora esplendido e rasgado, progride sempre, e vae descrevendo a orbita que lhe foi traçada nas regiões do infinito.

É a luz sem sombra, o astro sem occaso, o dia sem noute, a primavera sem inverno, a alegria sem tristezas, o abraço que ha de terminar para sempre ainda os mais leves assomos de passadas dissensões.

Para que a revolução pacifica das idéas venha a tomar posse incruenta do que de direito lhe pertença; para que os chamados direitos da força cedam o logar ás victorias da civilisação, é indispensavel, que cada um comprehenda a missão de que foi investido, e que a actividade collectiva, centralizando a importancia das vocações individuaes, empregue a grande influencia de que póde dispor.

Aos monumentos erguidos pelo orgulho, succedam os que caracterizam as necessidades d'estes dias de transição. Entendam-se todos, amem-se todos, que as asperezas do trabalho se lhes transformão em suavidades.

É a grande obra do futuro, lidada a pedra e pedra, cavada a palmo e palmo, tem de elevar-se tão alto que todos a vejam, surgindo por fim desassombrada dos despenhadeiros que ameaçavam de minar-lhe a base, e das voragens que se abriam para lhe engulir os obreiros.

É mister que a humanidade não estacione, meditando contemplativa cada maravilha que evocar. É preciso, e insistimos n'isto, que cada homem, desde que reconhecer o caminho para que foi chamado, não hesite nem um momento em avançar para a frente, ainda que essa resolução importe o sacrificio.

Mas, se no empenho que se propõe cada individuo e cada nação, vae tanto para o interesse commum, que não seria, se todos os povos, sem excepção, dessem as mãos para o complemento do edificio da sociabilidade universal?

Que não seria, se todos se entendessem, se todos instantaneamente se pudessem abraçar no mesmo ardor, obedecer á voz da convicção em igual accôrdo, discutir a mesma questão, resolver, pôr mãos á obra, completar, recommençar novo empenho, e não cansar nem descansar na escala dos melhoramentos materiaes e intellectuaes.

Os inventos que têm mudado a face do mundo moderno, ainda não tocaram a meta das necessidades d'este seculo, e ainda mais dos que estão por vir, apesar mesmo da celeridade e do multiplicativo que os caracteriza.

A vida é curta para a realisação de um projecto que exceda os limites da vulgaridade. Concebeu-se, desejou-se, aperfeiçoou-se, perfez-se. A idéa que incarnára, revestindo formulas sensiveis, sobrenada ao ambiente que a viu tomar corpo; tenta elevar-se, forceja por soltar-se das prizões que a circumscrevem a certo e determinado canto da terra, adeja, desfere o vôo, quer percorrer o globo, pousar em toda a parte, sem se deter em parte alguma, mas onde quer que a leve a mysteriosa carreira que a impelle, espalhar para todos os ventos a boa doutrina que encerra; porém, em breve, descendo das alturas a que se remontára, parece ir precipitar-se por vezes nos golphãos do esquecimento; outras, rastejando improductiva, arrastra inutilmente uma existencia duvi-

dosa; mais longe, refoge de certas paragens, onde mais conviria que predominasse; ali, hesita, além desconhecem-na; acolá, correspondem aggressivamente ao beneficio que a conduzia; uns engeitam-na por não estarem ainda preparados para a receber; outros pela carencia absoluta de cultura intellectual com que ella germine; a maior parte, embaçados pelo desconhecido e estranheza da forma que a reveste, voltam-lhe as costas, e não a acceitam, porque não a entendem. E a pobre idéa lá vae ser condemnada a hibernar, talvez seculos e seculos, antes que lhe seja dado penetrar com as franquias de emissaria de paz, e com os foros de cosmopolita, como de primeiro a fadaram tão auspiciosamente.

E como esta, quantas? E a que todas essas em si abrange, a da fraternisação do genero humano para a mesma communhão de interesses... retardada, comprimida; desenvolvendo-se a custo, onde mais urgia que medrasse; ou cedendo ao mortifero influxo de um estiolamento indefinivel.

Particularisando factos, e passando do immenso estadio das generalidades, por onde a alma folga de doudejar, ainda mesmo convencida de não o devasar todo, tentaremos fixar a attenção que, porventura, até aqui nos seguisse, conducente para um ponto essencialmente positivo, a despeito da sua natureza imaginosa.

Basta-lhe a sua condição de facto, e como tal, merece analysado, pelos espiritos que se prezam de acolher com jubilo todas as tentativas, mais ou menos ousadas, que para aquelle alvo, ainda que remoto, sejam dirigidas pelos que ainda crêem, e ainda perseveram em esperar.

Registaremos portanto aqui um trabalho, de um dos espiritos mais humanitariamente illustrados da Peninsula; trabalho em que transluz essa vigorosa esperança a que os timidos se contentaram de chamar utopia, e em que já se vão iniciando até os que d'antes mais se desvaneciam de incredulos.

Não nos permite a estreiteza do espaço fazer tão conhecida como o merecia, a *memoria* do sr. D. Sinibaldo de Mas, «sobre a possibilidade e facilidade de formar uma escripta geral, por meio da qual se pudessem entender todos os povos da terra mutuamente, mesmo sem conhecerem alheios idiomas.»

Prestariamos devida homenagem ao intuito que delineou a *IDEOGRAPHIA* do sr. Mas, analysando capitulo por capitulo, pagina por pagina aquella producção de uma idéa expansiva, e eminentemente fautora da realisação do principio de fraternidade futura.

Limitar-nos-hemos, todavia, a extractar o que o distincto litterato e politico hespanhol, D. Buena-ventura Carlos Aribau, disse no seu jornal *El Corresponsal*, saudando a apparição d'aquelle escripto.

«O objecto da *ideographia* é combinar um methodo de escripta, que, prescindindo de toda e qualquer relação com os sons de que se compõe a linguagem oral, seja entendida e traduzida por cada um, na sua propria lingua, á semelhança das notas musicas, que se executam do mesmo modo em todas as nações, e dos algarismos arabigos, que sendo, como são, representados por linhas identicas, se exprimem pelo orgão vocal de tantas maneiras, quantas são as infinitas diversidades de linguas que falam, onde quer que se haja introduzido aquelle maravilhoso systema numerico.

«A idéa não é inteiramente nova; já antecedentemente se haviam feito varias tentativas para conseguir um resultado que sem duvida alguma produzi-

ria uma revolução na rapida e extensa communicação das idéas. — Se eu tivesse menos idade, ou se mais desoccupado trouxesse o animo, (escrevia Leibnitz a Rémond de Monfort) e com o auxilio de alguns mancebos dedicados, havia de traçar um quadro geral, em que todas as idéas do entendimento se veriam reduzidas a formulas de calculo, do que resultaria uma especie de lingua ou escripta universal, mui diversa de quantas até aqui se têm projectado.

«O philosopho saxonio não daria realmente grande importancia á *polygraphia* do abbade Tritemio, na qual a applicação de certos algarismos, por meio de occultas correspondencias, anda envolta em sonhos cabalisticos dos mais extravagantes. Porém Leibnitz, trabalhando, segundo parece, nos ultimos annos da sua vida, n'um systema fundado n'uma ordem algebrica, a que tinha já posto o nome de alphabeto universal dos pensamentos humanos, talvez tivesse já conhecimento da obra que em 1648 publicou o bispo inglez Wilzing, com o titulo de *An essay towards a real character and philosophical language*, onde classificava todas as palavras, não pela ordem alphabetica, mas pela ordem logica, tanto nos objectos materiaes, como nas concepções puramente metaphysicas; e indicava as divisões e subdivisões por meio de cifras arabigas, e signaes de convenção. Esta obra, continuada depois, e illustrada pelo dr. Kook, lê-se ainda com prazer; e desde então recebeu esta arte em projecto o nome de *pasigraphia*, (escripta para todos) nome que tem conservado até hoje.

«Posteriormente o abbade Changeux, discipulo de Diderot e de d'Alembert, e auctor do tratado dos extremos, sem elevar as suas indagações a grande altura, imaginou alguns meios tão singelos como engenhosos; e nos fins do seculo passado, o major Maimieux, homem de entendimento vivaz e de notavel agudeza, abriu um curso publico de *pasigraphia*, e imprimiu em francez e allemão uma demonstração do seu methodo. De então para cá temos visto renovada repetidas vezes a questão em periodicos scientificos, e segundo nos consta, deve existir em certa academia da nossa Hespanha um trabalho sobre o assumpto, de cujo merito não podemos julgar.

«O sr. Mas teve porém oportunidade de ver, por experiencia propria, reduzido á pratica, um systema ideographico já diffundido n'uma grande parte do globo, e que se vae multiplicando cada vez mais ao commercio dos fructos da industria e do engenho. Entre os diversos povos que visitou, e cujas linguas e recursos mentaes estudou com esmero, teve occasião de testemunhar como a escriptura chinesa, que, como é sabido, não tem relação alguma com os sons das palavras, se decifra não sómente n'aquelle imperio, onde ha dialectos que entre si têm mui pouca relação, senão tambem no Japão e em Anam, cujas linguas dominantes são inteiramente desconexas, e tão distantes umas das outras, como póde ser a latina para a hebraica.»

É preciso advertir porém, que o systema ideographico do sr. D. Sinibaldo, não tem a menor relação com os caracteres graphicos dos chins.

«Depois de tantos esforços frustrados, que apenas têm produzido o esteril effeito de prenderem momentaneamente uma vaga attenção, poderemos esperar melhor exito a favor d'esta nova tentativa, que se apresenta animosa e franca, mas despida de pretenções? O certo é, que apesar de quanto se tem escripto e dito sobre a *pasigraphia*, poucos proselytos têm feito

os seus zelosos propagadores. Não admira. Em quasi todas as emprezas difficeis tem succedido o mesmo. Uns, como que adivinhando por um presentimento sobrenatural descobrimentos que assombrariam a sua epocha, e que seculos depois vieram a verificar-se; outros, procedendo a tentativas pouco felizes á primeira vista, porém fecundas depois em resultados, porque nunca são perdidas para a humanidade, ainda mesmo que tarde germinem, floresçam e fructifiquem as sementes esparzidas, ou de proposito, ou por acaso no solo da intelligencia. Se d'esta gloria participará o sr. Mas, é prognostico que não nos atrevemos a aventurar; porém, um virá que realise a grande idéa, e este será o que inventar um systema facil e completo que satisfaça a anciedade em que o mundo se sente de alargar a esphera e estreitar os laços das suas relações ideaes.

«Eis a tendencia universal dos espiritos, a mira da politica, o instincto do commercio que vae avassallando a terra, n'uma palavra a necessidade, o destino social. Cada melhoramento que se consegue nos systemas materiaes e moraes de comunicação, é um passo que se dá n'esta carreira.

«Esteve por muitos annos a Europa occidental de posse de um beneficio semelhante, quando era common o uso da lingua latina, estendida pelas conquistas dos romanos, adoptada pela Igreja, e conservada pelas sciencias e pelas altas relações do trato civil e internacional. Não ha duvida que entre as vantagens obtidas na formação e ennobrecimento das linguas modernas, que nasceram á mercê do isolamento dos povos, e a pouco e pouco se elevaram a dominar exclusivamente no campo das idéas, houve inconvenientes, que não têm sido de todo compensados. Desde logo se traduziram, imitaram e mutilaram as obras da veneravel antiguidade; crearam-se, multiplicaram-se ao infinito, e revestiram mil formas differentes os pensamentos novos; colligiram-se os principios e maximas dispersas, ed'essa coordenação se constituíram em corpos de sciencia; levantaram-se grandes engenhos, animados ou pelo amor á propagação das luzes, ou pelo desejo de popularisar a vulgarisação das sciencias, até esse tempo enclausuradas no recinto das universidades. E assim foi desaparecendo lentamente a lingua do Lacio, e as altas verdades foram sendo reveladas em falla vulgar; as luzes fizeram-se communs a todos, como era de justiça. Porém esta democracia litteraria, que então triumphou, e que realmente pôde produzir felizes resultados em materia de artes e usos communs da vida civil, dentro de uma mesma nação, não participou de igual utilidade para a propagação dos conhecimentos na mais ampla esphera do mundo civilisado.

«As sciencias, é verdade que se diffundiram; porém, tanto ganharam em extensão, quanto perderam em intensidade; cresceu o numero dos homens instruidos, ao passo que minguou o dos doutos: houve menos pedantes, porém mais presumptuosos: leram-se mais livros, mas não se aprofundaram: creveu-se muito; mas bom, pouco.

«Perderam-se os grandes modelos de eloquencia, de poesia e de estylo historico, que em vão se substituem por traducções imperfeitas, e que difficilmente se imitam com bom exito. Mas, prescindindo d'estas ultimas considerações, a maior desvantagem de se ter desterrado a lingua latina, é, que, ao passo que as sciencias se têm feito extensivas á generalidade, esta mesma generalidade se não estende senão a um só paiz. Se Newton tivesse escripto em inglez, Leibnitz em allemão, Descartes em francez, não ha-

veria sido tão rapido e universal o effeito que suas obras produziram, no tempo em que de todo em todo se não tinha abandonado o culto da lingua latina.

Teriam-tido, o que é mais provavel, a sorte das de João Baptista Vico, apenas conhecidas um seculo depois da sua morte. As correspondencias entre os sabios, as communicações reciprocas das academias eram então faceis e expeditas; existia de facto a *pasigraphia* e até a *pasilalia*; pois se entendiam, assim fallando, como escrevendo, ao passo, que, agora, quanto mais se propaga a illustração em povos diversos, se um moço quer adquirir os meios de se achar continuamente ao nivel dos conhecimentos, e beber a instrucção nas suas fontes primitivas; quantos annos não tem de consumir no estudo das linguas, isto é, a adquirir palavras, em vez de idéas?

«Repetimos que é uma necessidade social recuperar com vantagem este beneficio que a humanidade perdeu; temos muita fé nos esforços da mente humana. Se para lograr o intento se quizesse escolher e generalisar algumas das linguas já existentes, era a nosso ver, mau caminho. Prescindimos das rivalidades nacionaes, que opporiam forte obstaculo, quando, no actual estado da sociedade, a conquista é impossivel, e as geraes tendencias são para um federalismo universal. As linguas actuaes, e quantas tem existido, formadas em epochas mais ou menos rudés, umas na infancia, outras em principios de renascimento, complicadas na sua estrutura, incadas de irregularidades, de anomalias, de idiotismos, e, por conseguinte inexactas, pobres na expressão de certas idéas, luxosamente prodigas na de outras, e difficeis de serem aprendidas pela immensidade de excepções em que abundam, não preenchem a idéa que concebemos de uma lingua merecedora de ser universalmente adoptada, simples, constante e inflexivel nas regras, philosophica na construcção, methodica na nomenclatura.

«Não pretende o sr. Mas formar esta lingua; restringe-se á escripta; prescinde dos órgãos vocaes e auriculares; aproveita só a intuição, e julga ter com isto evitado uma gravissima difficuldade. Poder-se-ia combinar a linguagem vocal com a escripta, de maneira que esta fosse, não sómente uma representação immediata da idéa, se não que tivesse a sua correspondencia phonica, que lhe servisse de guia, de comprovação e de auxilio para a memoria? Talvez se conseguisse!»

Agora, depois de havermos cedido a palavra, como deviamos, ao erudito compatriota do sr. D. Sinibaldo Mas, permittir-nos-hemos ainda algumas breves reflexões sobre o trabalho do esclarecido diplomata.

A formação de um novo idioma fallado, por mais razoavel que o imaginemos, por mais compatíveis que sejam as condições sobre que se basear, posto ser ardua, não parece impossivel. Deveria, para ser perfeito, participar de certa infallibilidade que distingue as sciencias exactas.

E concluido que fosse, fecharia a cupula mais arrojada, que jámais se ideou, para rematar o amplo edificio das harmonias sociaes.

Fôra a antithese da torre da confusão, de que ressam as escripturas. Mas se é dado ao entendimento planear, e até certo ponto concluir, essa magestosa projecção, ser-lhe-ha igualmente concedido, o poder de a traduzir para a vida e para a realidade?

Eis o que duvidámos, apesar de ultra-utopistas.

A introdução d'uma lingua universal julgamos-a impossivel.

O que o não é, e o tempo o demonstrará, é a vulgarização da arte de fixar os pensamentos por uma representação graphica, comprehensivel a todas as nações, e que lhes sirva de lingua commun escripta, do mesmo modo que os algarismos e signaes arithmeticos, ou os da musica são vulgares a todos os povos da Europa.

A ideographia é uma necessidade da civilização.

Ha cincoenta annos pareceria um delirio fallar-se em telegraphia electrica submarina; d'aqui a cincoenta annos as communicações entre os diversos povos talvez sejam quasi todas ideographicas.

As obras sobre artes e sciencias terão de ser traduzidas n'aquella escripta que só falla aos olhos.

A instrucção preliminar de cada povo tem de comprehender a ideographia, assim como a estenographia entra no programma da primeira instrucção, já em alguns paizes.

Refuta o auctor da *memoria*, de que nos occupamos, a opinião dos que pretendem que o estudo de um systema ideographico, suppondo que vinha a estabelecer-se, havia de ser tão longo e tão difficil, que mais simples fôra escolher uma lingua viva qualquer, a franceza por exemplo, para a constituir intermedia ou geral para todas as nações.

Folgamos de o acreditar.

Esta idéa tem em si o que quer que seja de maternal, porque, realisada ella, devem d'ahi resultar outras muitas com a mesma feição de prestimo e valia.

Além d'isso, os homens estarão tanto mais perto de comprehenderem que são todos irmãos, quanto mais se reproduzirem os vinculos da sociabilidade.

LUIZ FILIPPE LEITE.

ALEXANDRE CSOMA.

Blumembach, em um dos seus cursos na universidade de Goettingen, teve occasião de dizer que seria possivel encontrar no oriente a origem dos hun-garos.

Entre os discipulos do famoso sabio encontrava-se um mancebo chamado Csoma, natural da aldeia de Koros na Transylvania, que estudava medicina. As palavras de Blumembach fizeram subita e profunda impressão no seu espirito.

Pouco tempo depois do seu regresso á Transylvania, partiu para o oriente, desprovido de meios pecuniarios, viajando a pé, vivendo algum tempo da sua clinica medica, mas as mais das vezes de esmolas, e desempenhando pela energia da sua vontade uma empreza para a execução da qual se julgavam indispensaveis immensos recursos.

Csoma atravessou a Turquia d'Europa, o Egypto, a Syria, e a Persia. Chegou a Lahore na companhia de dous officiaes francezes de Kunjet-Sing, os generaes Allard e Ventura, que encontrára no caminho. A sua obsequiosa intervenção deveu ser-lhe permitido visitar a Cachemira. Internando-se n'este paiz penetrou até Leh, capital do Ladak; e aqui travou relações intimas de amizade com Moorcroft, que o auxiliou com toda a sua influencia, e o incitou a comprehender o estudo da lingua thibetana. Posteriormente foi residir em um mosteiro buhdico de Kanoum, no valle do alto Setledge, onde esteve quatro annos com o fim especial de terminar, coadjuvado por um sabio lama, os seus estudos budhicos.

Considera-se geralmente Csoma como o fundador

do estudo do thibetano, sendo o unico europeu que d'elle se occupou na India. Publicou em o anno de 1834, na cidade de Calcutá, um dictionario e uma grammatica para uso d'aquelles que pretendem instruir-se n'este idioma. Foi tambem o auctor de uma analyse do *Kah gyour*, publicada no tomo XX da collecção scientifica intitulada *Asiatic researches*.

Falleceu Csoma no mez de abril de 1842, em Darjiling, no Nepal, quando se dispunha a voltar ao Thibet, para ahi continuar os seus laboriosos estudos philologicos.

NOVA ESPINGARDA.

Acaba de experimentar-se em Inglaterra, na escola de artilharia de Hythe, uma espingarda ou carabina de nova invenção, com a qual podem disparar-se sessenta tiros em sete minutos. Parece que se verificou por uma larga serie de ensaios que no numero de sessenta tiros quarenta e sete tocavam o alvo. É um terrivel instrumento de destruição este, que vem augmentar o immenso catalogo dos que os homens têm inventado para se matarem uns aos outros.

RECTIFICAÇÃO.

Na primeira parte da biographia do sr. visconde de Almeida Garrett, publicada a pagina 162, escreveu-se por equivoco D. Maria Anna de Austria em vez de *D. Maria Anna Victoria*, filha de D. Philippe V de Hespanha; e na data do nascimento do sr. Garrett poz-se 1798, devendo ser 1799.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1\$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1\$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.º 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabo, rua do Ouro, n.º 212.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, a sr.ª Viuva Carvalho & F.º; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães.